

## O Consolador veio no Pentecostes?

Os teólogos, se não todos, pelo menos na sua grande maioria, afirmam que o Consolador prometido por Jesus (Jo 14,16) teria vindo no dia de Pentecostes (At 2,1-4); quem sabe se não buscaram apoio para isso no documento apócrifo denominado *Caverna dos Tesouros*, do qual extraímos: “[...] Decidiram jejuar, até receberem todos juntos o Espírito, o Paráclito, no dia de Pentecostes, ali mesmo onde estavam reunidos. Foram-lhes distribuídas línguas, e cada um partiu para ensinar os povos, de acordo com a língua que lhes fora dada; [...]” (TRICCA, 1995, p. 100). Se isso for verdade, então a base para essa afirmação é tirada de uma fonte considerada não inspirada, colocando, portanto, em sérios apuros os que assim pensam.

O primeiro ponto importante a se levantar é aquele em que vamos demonstrar que o Consolador não é o Espírito Santo, porquanto, àquela época, nem ele nem essa terminologia existiam, uma vez que é uma criação posterior para sustentar o dogma da Trindade. Em toda a Bíblia a passagem Mt 28,19-20 é a única em que se nomeiam as supostas pessoas da Trindade, mesmo assim sem estabelecer uma relação de unicidade entre elas.

Sabem os estudiosos que o dogma da Trindade se iniciou no Concílio Ecumênico de Niceia, em 325, quando Jesus foi divinizado; a providência seguinte foi também dar *status* de Deus ao Espírito Santo, fato que ocorreu no Concílio de Constantinopla, em 381. (CHAVES, 2006). Depois, foi só ajustar os textos do Novo Testamento a essa nova e dogmática realidade; aí, onde havia “um” espírito santo (puro), transformaram em “o” Espírito Santo, eleito a terceira pessoa da Trindade.

Ademais, estudiosos bíblicos têm esse passo de Mateus (28,19-20) como uma interpolação. Por exemplo, o historiador e professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, David Flusser (1917-2000), que lecionou no Departamento de Religião Comparada, por mais de 50 anos, nascido na Áustria, estudioso da literatura clássica e talmúdica, e conhecedor de 26 idiomas, informa que:

De acordo com os manuscritos de Mateus que foram preservados, o Jesus ressuscitado ordenou aos seus discípulos batizar todas as nações “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. A fórmula trinitária franca, aqui, é de fato notável, **mas já foi mostrado que a ordem para batizar e a fórmula trinitária faltam em todas as citações das passagens de Mateus nos escritos de Eusébio anteriores ao Concílio de Niceia**. O texto de Eusébio de Mt 28:19-20 antes de Niceia era o seguinte: “Ide e tornai todas as nações discípulas em meu nome, ensinando-as a observar tudo o que vos ordenei”. Parece que Eusébio encontrou essa forma do texto nos códices da famosa biblioteca cristã em Cesareia.<sup>75</sup> Esse texto mais curto está completo e coerente. Seu sentido é claro e tem seus méritos óbvios: diz que o Jesus ressuscitado ordenou que seus discípulos instruissem todas as nações em seu nome, o que significa que os discípulos deveriam ensinar a doutrina de seu mestre, depois de sua morte, tal como a receberam dele. (FLUSSER, 2001, p. 156, grifo nosso).

Transcreveremos a nota (75) em que Flusser coloca sua base de informação:

Ver D. Flusser, “The Conclusion of Matthew in a New Jewish Christian Source”, *Annual of the Swedish Theological Institute*, vol. V, 1967, Leiden, 1967, pp. 110-20; Benjamin J. Hubbard, “The Matthean Redaction of a Primitive Apostolic Commissioning”, SBL, *Dissertation Series* 19, Montana, 1974. **Mais testemunho da conclusão não-trinitária de Mateus está preservado num texto copta** (ver E. Budge, *Miscellaneous Coptic Texts*, Londres, 1915, pp. 58 e seguintes, 628 e 636), onde é descrita uma controvérsia entre Cirilo de Jerusalém e um monge herético. “E o patriarca Cirilo disse ao monge: ‘Quem te mandou pregar essas coisas?’ E o monge lhe disse: ‘O Cristo disse: Ide a todo o mundo e pregai a todas as nações em Meu nome em cada lugar”. O texto é citado por Morcon Smith, *Clement of Alexandria and a Secret Gospel of Mark*, Harvard University Press, Cambridge, Mass, 1973, pp. 342-6. (FLUSSER, 2001, p. 170, grifo nosso).

Na sequência, Flusser diz que “um testemunho adicional das versões mais curtas de Mt 28:19-20a foi descoberto há pouco tempo numa fonte judeu-cristã [...]” (FLUSSER, 2001, p. 156), citando como fonte: Sh. Pinès, “The Jewish Christians of the Early Centuries of Christianity According to a New Source”, *The Israel Academy of Sciences and Humanities Proceedings*, vol. II, nº 13, Jerusalém, 1966, p. 25. (FLUSSER, 2001, p. 170).

Orígenes de Alexandria (185-254), em sua obra apologética intitulada *Contra Celso* (cerca de 248), na qual refuta a esse filósofo pagão, cita inúmeras passagens bíblicas, entre as quais Mt 28,19, com o seguinte teor: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos” (ORÍGENES, 2004, p. 154). O que prova incontestavelmente que a expressão “batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” é uma interpolação que foi colocada posteriormente para se justificar o dogma da Trindade.

Essa interpolação é até fácil de ser comprovada, pois, enquanto no versículo se recomendava batizar “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19), no cristianismo nascente, os discípulos só o faziam “em nome de Jesus” (At 2,37; 10,48; 19,5), do qual também se utilizavam para expulsar os espíritos (At 16,18).

Por outro lado, não foi por mera coincidência que esse acréscimo esteja no último passo do Evangelho de Mateus; certamente, como não encontraram outro lugar melhor para situá-lo acharam por bem colocá-lo ali mesmo, bem no final. Então, fica aí demonstrado, de forma clara, que essa expressão é uma interpolação. Assim, qualquer relação que se queira estabelecer entre o Consolador e o Espírito Santo não faz sentido algum, mais a frente voltaremos ao tema.

Um outro ponto, também não menos importante, é que devemos situar as coisas no tempo próprio. Assim, não é válido usar o Evangelho de João para justificar alguma coisa em Lucas, pois, como sabemos, os Evangelhos foram escritos em épocas diferentes. Segundo o prof. Julio Trebolle Barrera (?- ), Marcos por volta de 65 a 70, Lucas entre 70 e 80, Mateus no período de 70 e 80, e, finalmente, João, no ano de 90 (BARRERA, 1995, p. 287); mas é bom ressaltar que os estudiosos não se entendem quanto a essas datas. Desse modo, depois da morte de Jesus, até um certo período, os textos eram utilizados isoladamente; isso deve ter acontecido por não haver necessidade, à época, de uma “uniformização” das descrições dos fatos acontecidos com Jesus, já que não havia condições de se estabelecer uma sistematização no sentido de tornar os escritos esparsos em um único corpo doutrinário dos ensinamentos deixados pelo Mestre. O que pudemos corroborar com J. Lentsman (1908-1967):

Assim, **cada evangelho era endereçado a um meio determinado, e tinha limitada, desse modo, sua esfera de ação a uma ou outra região.** Sua inclusão no cânone deu-se muito mais tarde, como consequência de uma escolha dos escritos cristãos mais autorizados aos olhos dos crentes. (LENTSMAN, 1963, p. 38, grifo nosso).

Mas, com a sistematização desses ensinamentos, visando dar uma característica sinóptica aos Evangelhos, certamente houve uma “necessidade” (para não dizer conveniência) de algumas “adequações” de alguns textos a certas interpretações dos dirigentes religiosos de então. Vejamos:

Quanto aos livros do Novo Testamento, houve também certa confusão, já que além dos livros inspirados, circulavam outros que gozavam também de muito prestígio entre as comunidades cristãs, alguns dos quais atribuídos aos próprios Apóstolos. Em compensação, alguns dos livros inspirados não eram aceitos como tais por pessoas de prestígio na própria Igreja.

Os Concílios de Hipona e de Cartago, **celebrados em fins do séc. IV, pela primeira vez apresentaram uma lista oficial dos livros inspirados, tanto do Novo como do Antigo Testamento**, entre os quais se incluíram os deuterocanônicos também do Novo, que são: Epístolas de S. Tiago, 2ª e 3ª de S. João, de S. Judas, 2ª de S. Pedro, aos Hebreus e o Apocalipse.

Como nenhum desses concílios africanos, por seu caráter local, implicasse a autoridade oficial da Igreja universal, houve necessidade de se proclamar de novo, em forma solene, a doutrina tradicional católica, o que se fez no Concílio Ecumênico de Florença, celebrado no ano de 1441 e, posteriormente, no de Trento em 1546, onde se enumeram de forma definitiva os livros que

constituem a Bíblia. (Bíblia Barsa – A Igreja e a Bíblia, p. XII, grifo nosso).

Então, somente após o final do séc. IV, é que temos algo próximo da Bíblia como a conhecemos hoje. E para ser mais específico, leiamos:

No ano de 367 E.C., Atanásio escreveu sua carta pastoral anual às igrejas egípcias sob sua jurisdição e, nela, incluiu um conselho acerca de quais livros deviam ser lidos como escritura nas igrejas. Ele relaciona nossos vinte e sete livros, com exclusão de todos os demais. Essa é a primeira instância que chegou ao nosso conhecimento de alguém declarando que esse novo conjunto de livros era o Novo Testamento. (EHRMAN, 2006, p. 46).

Isso significa que não assiste razão aos que, querendo interpretar uma passagem, relacionam, no sentido de completar, um escritor bíblico com outro. A se aceitar isso, então, preferimos ficar com a opinião de Orígenes, considerado um dos "Pais da Igreja", porquanto foi um expoente do cristianismo nascente. Vejamos o que ele disse:

E como as práticas legais eram uma figura, penso eu, e a verdade era o que o Espírito Santo lhes ensinara, foi dito: "Quando vier o Espírito de Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena" (Jo 16,13); como se dissesse: à verdade integral das realidades das quais, não possuindo senão as figuras, vós acreditáveis adorar a Deus com a verdadeira adoração. **De acordo com a promessa de Jesus, o Espírito de Verdade veio sobre Pedro** e lhe disse, a respeito dos quadrúpedes e répteis da terra e dos pássaros do céu: "Levanta-te, Pedro, imola e come!" Ele voltou a si, embora ainda imbuído de superstição, pois mesmo ao ouvir a voz divina ele responde: "De modo algum, Senhor, pois jamais comi alguma coisa impura e profana". E lhe ensinou a doutrina sobre os alimentos verdadeiros e espirituais com estas palavras: "Ao que Deus purificou, não chames tu de profano". E depois desta visão, o Espírito de Verdade, conduzindo Pedro "à verdade plena", lhe disse "o muito que vos dizer" que ele não podia "suportar enquanto Jesus estava ainda presente segundo a carne. (ORÍGENES, p. 122-123, grifo nosso).

E é por isso que afirmamos que cada um deles tem que se explicar por si mesmo. Sendo assim, ou seja, que temos que relacionar o autor com ele mesmo, fomos buscar primeiramente Lucas. Em seu Evangelho pudemos encontrar apenas duas passagens que poderíamos entender como alguma promessa sendo feita: a primeira é onde João Batista diz que "*Ele é quem batizará vocês com o Espírito Santo e com fogo*" (Lc 3,16); e a segunda é quando Jesus recomenda aos discípulos não se preocuparem com o que falariam, pois "*nessa hora o Espírito Santo ensinará o que vocês devem dizer*" (Lc 12,12). Ambas não servem de suporte, pelo simples motivo de que falam em Espírito Santo, que, conforme demonstramos, esse epíteto ainda não "existia".

Jesus ressurreto, entre outras coisas, disse aos discípulos: "*Agora eu lhes enviarei aquele que meu Pai prometeu. Por isso, fiquem esperando na cidade, até que vocês sejam revestidos da força do alto*". (Lc 24,49), por que não Ele não falou "revestidos do Espírito Santo"? Muito estranho! Mas vejamos a opinião de um exegeta sobre esse versículo:

**Lc 24,49: "... envio sobre vós a promessa de meu Pai..."** A promessa que se cumpriu no dia de Pentecostes, antecipa também, neste passo bíblico, a declaração mais completa que se vê no livro de Atos, que Lucas tencionava escrever, a fim de completar a sua obra em dois volumes, que versa sobre as origens do cristianismo (Lucas-Atos); e não é mesmo impossível que Lucas já tivesse dado início a essa obra, em algum estágio preliminar. Este versículo é paralelo a Atos 1,4-5, 8; 2,1-13. **A promessa feita pelo Pai, que é o próprio Espírito Santo, não é claramente definida nos evangelhos sinópticos**, mas poderemos aceitar o trecho de Luc. 11,13 como indicação sobre isso; e não há que duvidar que a mensagem de João Batista, na tradição evangélica mais primitiva, conforme nos é dada em Marc. 1;8 – "mas ele vos batizará com o Espírito Santo..." – deve ser compreendida como paralela à promessa aqui registrada. Trata-se, por conseguinte, da tradição evangélica mais remota. O evangelho de João a anuncia de forma ainda mais clara. (ver João 14:16 e 15:26). A ordem dada aos discípulos de se demorarem em Jerusalém, até que

se cumprisse essa promessa, é paralela à passagem de Atos 1:4. (CHAMPLIN, 2005, vol. 2, p. 247, grifo nosso).

Observamos que o autor diz que a promessa não é claramente definida nos evangelhos sinópticos, embora tente, de alguma forma, estabelecer uma ligação dela com o Evangelho de João. O que ele não percebeu é que não poderia relacionar essa passagem de Lucas ao que consta em João, pelas razões já expostas.

Em Atos dos Apóstolos, Lucas já narra da seguinte forma:

At 1,4-8: "[...] *'Não se afastem de Jerusalém. **Esperem que se realize a promessa do Pai, da qual vocês ouviram falar: 'João batizou com água; vocês, porém, dentro de poucos dias, serão batizados com o Espírito Santo' [...] Mas o Espírito Santo descenderá sobre vocês, e dele receberão força para serem as minhas testemunhas [...].'***"

Pelo que se pode entender, a promessa aqui é o batismo com o Espírito Santo; entretanto, está se prometendo o que não existe. No dia de Pentecostes é, quando se supõe, que houve o cumprimento dessa promessa; leiamos:

At 2,1-4: "*Quando chegou o **dia de Pentecostes**, todos eles estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho como o sopro de um forte vendaval, e encheu a casa onde eles se encontravam. Apareceram então umas como línguas de fogo, que se espalharam e foram pousar sobre cada um deles. Todos **ficaram repletos do Espírito Santo**, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem".*

Novamente aparece a expressão Espírito Santo, que só poderia ser entendida como "um espírito santo", não a pessoa da Trindade que, conforme provado, não se falava dela ainda. Se cada um falava conforme o espírito lhe concedia, já não é mais "o Santo"; então, temos, nessa ocorrência, um fenômeno mediúnico, onde cada um falava sob a ação de um espírito. Aqui, percebe-se, claramente, a mediunidade em propulsão espontânea a todos os discípulos. Fato idêntico se repetirá novamente nos episódios conhecidos como o "Pentecostes samaritano" (At 8,14-17) e o "Pentecostes dos pagãos" (At 10,44-46) (CHAMPLIN, 2005, vol. 3, p. 45). Vejamo-los:

At 8,14-17: "*Os apóstolos, que estavam em Jerusalém, souberam que a Samaria acolhera a Palavra de Deus, e enviaram para lá Pedro e João. Ao chegarem, Pedro e João rezaram pelos samaritanos, a fim de que eles recebessem o Espírito Santo. De fato, o Espírito ainda não viera sobre nenhum deles; e os samaritanos tinham apenas recebido o batismo em nome do Senhor Jesus. Então Pedro e João impuseram as mãos sobre **os samaritanos**, e eles **receberam o Espírito Santo**".*

At 10,44-46: "*Pedro ainda estava falando, quando o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a Palavra. Os fiéis de origem judaica, que tinham ido com Pedro, ficaram admirados de que o **dom do Espírito Santo também fosse derramado sobre os pagãos**. De fato, **eles os ouviam falar em línguas estranhas** e louvar a grandeza de Deus [...]."*

Por isso, então, poder-se-á concluir, numa boa lógica, que, a supor seja o Espírito Santo o Consolador, ele veio por três vezes; a primeira aos discípulos (At 2,1-4), aos quais a promessa foi feita, e duas agora, nessas passagens, de uma forma generalizada. Assim, em qual delas deve-se ter como sendo o cumprimento da promessa de sua volta? Fica aí a nossa dúvida, porque a que se considera a primeira (At 2,1-4), os próprios textos bíblicos a relacionam a uma profecia de Joel, conforme se verá na sequência.

Em relação ao Pentecostes narrado em At 2,1, temos duas observações importantes. A primeira é que, na própria Bíblia, esse fato não é relacionado à promessa do Consolador, mas a uma outra bem mais antiga; leiamos:

At 2,14-18: "*Então Pedro [...] falou em voz alta: 'Homens da Judeia e todos vocês que se encontram em Jerusalém! Compreendam o que está acontecendo e prestem atenção nas minhas palavras: [...] **está acontecendo aquilo que o profeta Joel anunciou: 'Nos últimos dias, diz o Senhor, eu **derramarei o meu Espírito sobre todas as*****

**peçoas.** *Os filhos e filhas de vocês vão profetizar, os jovens terão visões e os anciãos terão sonhos. E, naqueles dias, derramarei o meu Espírito também sobre meus servos e servas, e eles profetizarão”.*

Se aqui está se relacionando o fenômeno do Pentecostes à profecia de Joel, que viveu no século VIII a.C.; então, não está reservado o direito a ninguém de mudar isso, mormente os que têm a Bíblia como a palavra de Deus, para relacioná-lo ao cumprimento da promessa do envio do Consolador. Podemos confirmar com Russell N. Champlin (1933- ):

No dia de Pentecoste, o Espírito Santo desceu sobre todos quantos estavam reunidos no mesmo cenáculo, num total de cerca de cento e vinte pessoas. Não se há de duvidar que essa dádiva do Espírito envolvendo mais do que os doze apóstolos, segundo fica subentendido no trecho de Atos 2:14, **como também na profecia de Joel**, conforme Simão Pedro mencionou em seu sermão, como interpretação daquela extraordinária ocorrência, que acabara de suceder. (Ver Atos 2:16-21 e Joel 2:28-32). **Essa profecia revela-nos como o Espírito haveria de ser derramado sobre toda a carne, de modo pleno e transbordante.** Os cento e vinte irmãos reunidos no cenáculo, pois, foram os primeiros a experimentar isso. (CHAMPLIN, 2005, vol. 3, p. 45, grifo nosso).

Comprova-se, então, como sendo a realização da profecia de Joel.

A segunda observação é que, no dia citado como o Pentecostes, o fenômeno pode nem mesmo ter ocorrido, conforme se vê numa explicação, em nota de rodapé, dada a respeito de At 2,1-13, cujo teor é: “O relato é simbólico. De fato, quando o autor escreveu, as comunidades cristãs já se haviam espalhado por todas as regiões aqui mencionadas”. (Bíblia Sagrada Pastoral, p. 1391). Certamente agiram com prudência em não dizer diretamente que o dito fenômeno não ocorreu, preferindo ir pelo caminho do simbólico, para salvar a Bíblia da contradição do texto bíblico com os fatos realmente ocorridos.

Como em Lucas não encontramos nada, quem sabe se agora, ao analisarmos João, possamos encontrar algo?... Leiamos a passagem relacionada à promessa:

Jo 14,15-26: *“Se me amais, guardareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e **ele vos dará outro Consolador**, a fim de que esteja sempre convosco, **o Espírito da Verdade**, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conhecereis, porque ele habita convosco e estará em vós. Não vos deixarei órfãos, **voltarei para vós outros** [...] Respondeu Jesus: “[...] Isto vos tenho dito, estando ainda convosco; mas o **Consolador**, o **Espírito Santo**, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as cousas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito”.*

O que significa Consolador? Segundo Champlin, a palavra Consolador significa “alguém chamado para o lado de outrem, a fim de ajudar” (CHAMPLIN, 2005, vol. 2, p. 534).

Interessante a afirmação de Jesus de que enviaria “outro”; é sinal que Ele se considerava como sendo um Consolador. E muito curioso, também, é que a cidade onde Jesus fixou residência, que se tornou centro do seu ministério, chamava-se Cafarnaum, que, segundo Carlos Torres Pastorino (1910-1980), significa “cidade do Consolador” (PASTORINO, vol. 1, 1964a, p. 139).

Neste passo Jesus também afirma que voltará. Se no início do trecho o Consolador é especificado como o Espírito da Verdade, por que um pouco mais à frente ele passa a ser o Espírito Santo, epíteto esse que nem existia à época? Certamente que é por uma interpolação; ou, quem sabe, se esse último também não seria o Espírito de Verdade, que sofreu uma modificação na sua terminologia?... Pastorino, analisando as ocorrências da expressão “*tò pneuma tò hágion*” (o Espírito o santo), afirma que “Em João aparece uma só vez, e assim mesmo em apenas alguns códices tardios, havendo forte suspeição de haver sido acrescentado posteriormente (em 14:26).” (PASTORINO, 1964e, p. 95).

Assim como em Jo 14,17 em que se afirma que o Consolador é o Espírito da Verdade a passagem Jo 15,26, igualmente o faz; vejamos:

Jo 15,26-27: *“Quando, porém, vier o **Consolador**, que eu vos enviarei da parte do Pai,*

**o Espírito da Verdade**, que dele procede, esse dará testemunho de mim; e vós também testemunhareis, porque estais comigo desde o princípio”.

Aqui se reafirma a identidade do Consolador como sendo o Espírito da Verdade, acrescentando que ele dará testemunho de Jesus. Portanto, ao também identificá-lo como Espírito Santo, ocorre uma dupla identificação, que, fatalmente, nos leva a pensar em interpolação, confirmada pela informação de Pastorino. Um detalhe, que depois voltaremos a falar, é que Jesus afirma que os discípulos também iriam testemunhar.

Jo 16,7-11: *"Mas eu vos digo a verdade: '**Convém-vos que eu vá**, porque se eu não for, o **Consolador não virá para vós** outros; se, porém, eu for, **eu vo-lo enviarei**. Quando ele vier convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado, porque não creem em mim; da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais; do juízo, porque o príncipe desse mundo já está julgado”*.

Percebemos que há uma estreita relação entre a vinda do Consolador com a questão de Jesus ter que partir, o que se justifica, porquanto Ele mesmo é quem o enviaria ou, quem sabe, voltaria para cumprir sua promessa: *"Não vos deixarei órfãos, **voltarei para vós outros*** (Jo 14,18); inclusive, como está dito no passo, que ainda estabelece a missão do Consolador.

Jo 16,12-14: *"Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o **Espírito da Verdade**, ele **vos guiará a toda a verdade**; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar”*.

Jesus afirma que não falou aos discípulos tudo que era para ser dito, e que a missão do Espírito da Verdade, o Consolador, seria também para que fosse completado o seu ensinamento.

Vejamos agora, a última passagem de João, na qual se relata uma suposta manifestação do Espírito Santo:

Jo 20,19-23: *"Era o primeiro dia da semana. Ao anoitecer desse dia, estando fechadas as portas do lugar onde se achavam os discípulos por medo das autoridades dos judeus, Jesus entrou. Ficou no meio deles e disse: 'A paz esteja com vocês'. Dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Então os discípulos ficaram contentes por ver o Senhor. Jesus disse de novo para eles: 'A paz esteja com vocês. Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês'. Tendo falado isso, Jesus soprou sobre eles, dizendo: **"Recebam o Espírito Santo**. Os pecados daqueles que vocês perdoarem, serão perdoados. Os pecados daqueles que vocês não perdoarem, não serão perdoados”*.

O fato aqui relatado aconteceu exatamente no mesmo dia em que Jesus ressuscitou, o primeiro dia da semana; é, então, o dia de domingo, ou seja, o terceiro dia após ter sido sepultado. Nele Jesus afirma que o Pai o enviou e sopra sobre os discípulos o "Espírito Santo". Segundo a forma de entendimento dos adeptos das religiões tradicionais, a promessa que João citou anteriormente foi cumprida aqui nesse momento.

Nesse ponto, iremos ver, em *A Gênese*, como Allan Kardec (1804-1869) abordou sobre o assunto, já que isso foi objeto de sua preocupação:

#### **Anúnciação do Consolador**

35. Se me amais, guardai os meus mandamentos – e eu pedirei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: – O *Espírito de Verdade* que o mundo não pode receber, porque não o vê; vós, porém, o conhecereis, porque permanecerá convosco e estará em vós. – Mas o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e fará vos lembreis de tudo o que vos tenho dito. (S. João, 14:15 a 17 e 26. – *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. VI.).

36. – Entretanto, digo-vos a verdade: Convém que eu me vá, porquanto, se eu não me for, o Consolador não vos virá; eu, porém, me vou e vo-lo enviarei. – E, quando ele vier, convencerá o mundo no que respeita ao pecado, à justiça e

ao juízo: – no que respeita ao pecado, por não terem acreditado em mim; – no que respeita à justiça, porque me vou para meu Pai e não mais me vereis; no que respeita ao juízo, porque já está julgado o príncipe deste mundo.

*Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas presentemente não as podeis suportar.*

*Quando vier esse Espírito de Verdade, ele vos ensinará toda a verdade, porquanto não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tenha escutado e vos anunciará as coisas porvindouras.*

Ele me glorificará, porque receberá do que está em mim e vo-lo anunciará. (S. João, 16:7 a 14.).

37. – Esta predição, não há contestar, é uma das mais importantes, do ponto de vista religioso, porquanto comprova, sem a possibilidade do menor equívoco, que *Jesus não disse tudo o que tinha a dizer*, pela razão de que não o teriam compreendido nem mesmo seus apóstolos, visto que a eles é que o Mestre se dirigia. Se lhes houvesse dado instruções secretas, os Evangelhos fariam referência a tais instruções. Ora, desde que ele não disse tudo a seus apóstolos, os sucessores destes não terão podido saber mais do que eles, com relação ao que foi dito; ter-se-ão possivelmente enganado, quanto ao sentido das palavras do Senhor, ou dado interpretação falsa aos seus pensamentos, muitas vezes velados sob a forma parabólica. **As religiões que se fundaram no Evangelho não podem, pois, dizer-se possuidoras de toda a verdade, porquanto ele, Jesus, reservou para si a completação ulterior de seus ensinamentos.** O princípio da imutabilidade, em que elas se firmam, constitui um desmentido às próprias palavras do Cristo.

Sob o nome de *Consolador* e de *Espírito de Verdade*, Jesus anunciou a vinda daquele que *havia de ensinar todas as coisas* e de *lembrar* o que ele dissera. Logo, não estava completo o seu ensino. E, ao demais, prevê não só que ficaria esquecido, como também que seria desvirtuado o que por ele fora dito, visto que o Espírito de Verdade viria tudo lembrar e, de combinação com Elias, *restabelecer todas as coisas*, isto é, pô-las de acordo com o verdadeiro pensamento de seus ensinamentos.

38. – Quando terá de vir esse novo revelador? É evidente que se, na época em que Jesus falava, os homens não se achavam em estado de compreender as coisas que lhe restavam a dizer, não seria em alguns anos apenas que poderiam adquirir as luzes necessárias a entendê-las. Para a inteligência de certas partes do Evangelho, excluídos os preceitos morais, faziam-se mister conhecimentos que só o progresso das ciências facultaria e que tinham de ser obra do tempo e de muitas gerações. Se, portanto, o novo Messias tivesse vindo pouco tempo depois do Cristo, houvera encontrado o terreno ainda nas mesmas condições e não teria feito mais do que o mesmo Cristo. Ora, desde aquela época até os nossos dias, nenhuma grande revelação se produziu que haja completado o Evangelho e elucidado suas partes obscuras, indício seguro de que o Enviado ainda não aparecera.

39. – Qual deverá ser esse Enviado? Dizendo: “Pedirei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador”, **Jesus claramente indica que esse Consolador não seria ele**, pois, do contrário, dissera: “Voltarei a completar o que vos tenho ensinado”. Não só tal não disse, como acrescentou: ***A fim de que fique eternamente convosco e ele estará em vós.*** Esta proposição não poderia referir-se a uma individualidade encarnada, visto que não poderia ficar eternamente conosco, nem, ainda menos, estar em nós; compreendemo-la, porém, muito bem com referência a uma doutrina, a qual, com efeito, quando a tenhamos assimilado, poderá estar eternamente em nós. **O Consolador é, pois, segundo o pensamento de Jesus, a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora, cujo inspirador há de ser o Espírito de Verdade.**

40. – **O Espiritismo realiza, como ficou demonstrado (cap. 1, nº 30), todas as condições do Consolador que Jesus prometeu.** Não é uma doutrina individual, nem de concepção humana; ninguém pode dizer-se seu criador. É fruto do ensino coletivo dos Espíritos; **ensino a que preside o Espírito de Verdade.** Nada suprime do Evangelho: antes o completa e elucidada. Com o auxílio das novas leis que revela, conjugadas essas leis às que a Ciência já descobrira, faz se compreenda o que era ininteligível e se admita a possibilidade daquilo que a incredulidade considerava inadmissível. Teve precursores e profetas, que lhe presentiram a vinda. Pela sua força

moralizadora, ele prepara o reinado do bem na Terra.

[...].

42. – **Se disserem que essa promessa se cumpriu no dia de Pentecostes, por meio da descida do Espírito Santo**, poder-se-á responder que o Espírito Santo os inspirou, que lhes desanuviou a inteligência, que desenvolveu neles as aptidões mediúnicas destinadas a facilitar-lhes a missão, porém que nada lhes ensinou além daquilo que Jesus já ensinara, porquanto, no que deixaram, nenhum vestígio se encontra de um ensinamento especial. **O Espírito Santo, pois, não realizou o que Jesus anunciara relativamente ao Consolador**; a não ser assim, os apóstolos teriam elucidado o que, no Evangelho, permaneceu obscuro até ao dia de hoje e cuja interpretação contraditória deu origem às inúmeras seitas que dividiram o Cristianismo desde os primeiros séculos. (KARDEC, 2007e, p. 439-443, negrito nosso, itálico do original).

Como foi citado o item 30 do capítulo I de *A Gênese*, iremos também transcrevê-lo para que o entendimento não fique prejudicado:

30. – O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como este partiu das de Moisés, é consequência direta da sua doutrina. A ideia vaga da vida futura, acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e povoa o espaço, e com isso precisa a crença, dá-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade à ideia. Define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte. Pelo Espiritismo, o homem sabe donde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente e vê por toda parte a justiça de Deus.

Sabe que a alma progride incessantemente, através de uma série de existências sucessivas, até atingir o grau de perfeição que a aproxima de Deus. Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de origem, são criadas iguais, com idêntica aptidão para progredir, em virtude do seu livre-arbítrio; que todas são da mesma essência e que não há entre elas diferença, senão quanto ao progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão a mesma meta, mais ou menos rapidamente, pelo trabalho e boa vontade.

Sabe que não há criaturas deserdadas, nem mais favorecidas umas do que outras; que Deus a nenhuma criou privilegiada e dispensada do trabalho imposto às outras para progredirem; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que os que se designam pelo nome de demônios são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no espaço, como o praticavam na Terra, mas que se adiantarão e aperfeiçoarão; que os anjos ou Espíritos puros não são seres à parte na criação, mas Espíritos que chegaram à meta, depois de terem percorrido a estrada do progresso; que, por essa forma, não há criações múltiplas, nem diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a criação deriva da grande lei de unidade que rege o Universo e que todos os seres gravitam para um fim comum que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, visto serem todos filhos das suas próprias obras. (KARDEC, 2007e, p. 37-38).

Considerando:

- a) que a expressão “Espírito Santo” não deveria ser relacionada ao Consolador;
- b) que temos que identificar com o texto do próprio evangelista, e não com de um outro, se o Consolador já veio ou não;
- c) que Jesus disse que voltaria;
- d) que também disse que os discípulos o testemunhariam;

então, fatalmente, teremos que concluir que, dentro do Novo Testamento, não se encontra nenhuma passagem na qual poderemos afirmar que o Consolador teria voltado naquela época; portanto, isso nos remete a um tempo num futuro mais distante daquela época.

Assim, o Espiritismo vem assumir essa condição de ser o Consolador, pelas razões expostas por Kardec e por ter João Evangelista, portanto, pelo pelo menos um dos discípulos testemunhando, embora não possamos afirmar taxativamente que outros não participaram do surgimento do Espiritismo só pelo motivo de não termos nada escrito a respeito deles.

Apenas para esclarecer, informamos que, para nós, o Espírito da (de) Verdade é Jesus; quem quiser ver isso com maiores detalhes leia o nosso texto: "Espírito de verdade, quem seria ele?".

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
Mai/2007.  
(Revisão dez/2014).

### **Referências bibliográficas:**

- A Bíblia Anotada. 8ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.  
Bíblia de Jerusalém, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.  
Bíblia Sagrada, Edição Barsa. s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.  
Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª imp. São Paulo: Paulus, 2001.  
BARRERA, J. T. *A bíblia judaica e a bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.  
CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo*, vol. 2, São Paulo: Hagnos, 2005.  
CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo*, vol. 3, São Paulo: Hagnos, 2005.  
CHAVES, J. R. *A Face Oculta das Religiões – uma visão racional da Bíblia*, Santo André, SP: EBM, 2006.  
EHRMAN, B. D. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê*, São Paulo: Prestígio, 2006.  
FLUSSER, D. *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo, Vol. II*, Rio de Janeiro: Imago, 2001.  
KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2007e.  
LENTSMAN, J. *A origem do cristianismo*. São Paulo: Fulgor, 1963.  
ORÍGENES. *Contra Celso*, São Paulo: Paulus, 2004.  
PASTORINO, C. *Sabedoria do Evangelho, vol. 1*, Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964a.  
PASTORINO, C. *Sabedoria do Evangelho. Vol. 5*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964e.  
TRICCA, M. H. O. *Apócrifos III: os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercuryo, 1995.

Ps.: Sobre esse tema recomendamos a leitura, pela ordem:

- 1 – O Consolador veio no Pentecostes?
- 2 – Jesus não é o Espírito de Verdade
- 3 – Espírito de Verdade, quem seria ele?